

UM CARTEL AMAZÔNICO

Como Amazonino Mendes fez do empresário e amigo pessoal Orleir Cameli governador do Acre, em meio a assassinatos e corrupção

Antônio Vital
Da equipe do Correio

No final de 1989, o então prefeito de Manaus, Amazonino Mendes, deu início a uma tática que visava dominar politicamente metade da imensa região Norte do país: os estados do Amazonas, Rondônia e Acre, uma área do tamanho do México.

Em plena campanha eleitoral, enquanto Fernando Collor de Mello e juiz Inácio Lula da Silva disputavam o Palácio do Planalto, Amazonino reuniu em sua casa, em Manaus, um seleto grupo.

Sentaram-se em volta da mesma mesa — além do dono da casa — um empresário acreano, Orleir Cameli, e dois candidatos a governador: Rubens Branquinho, do Acre, e Osvaldo Piana, de Rondônia. Amazonino selou, nessa reunião, o apoio às candidaturas de Branquinho, no Acre, e de Piana, em Rondônia.

Amazonino tinha pela frente uma eleição assegurada ao Senado e começava a lançar as bases do seu futuro político. Ele teve que esperar cinco anos até atingir todos os objetivos. Em 1990, Branquinho perdeu no Acre. Piana venceu em Rondônia, mas apenas porque o candidato favorito, o senador Olavo Pires, foi assassinado em Porto Velho, com 14 tiros de metralhadora, às vésperas de ser eleito.

No Acre, Amazonino passou a investir, então, no amigo Orleir Cameli. Essa ligação, e os métodos adotados por Cameli à frente, primeiro, da prefeitura de Cruzeiro do Sul e, depois, do governo do estado, se tornaram públicos com a recente denúncia de que os dois estariam envolvidos no escândalo da compra de votos de deputados a favor da emenda constitucional da reeleição.

TESTEMUNHA

Nesse período, durante dois anos — entre 1992 e 1994 — a trajetória de Cameli foi acompanhada de perto pelo administrador de empresas Guilherme Duque Estrada, 37 anos, então secretário particular do prefeito de Cruzeiro do Sul. A cidade, segunda maior do estado, serviu de trampolim para a ascensão de Cameli. Tudo planejado nos mínimos detalhes, segundo Guilherme, por Amazonino.

"A conversa toda seria levar o Ca-

meli, em 1992, para a prefeitura de Cruzeiro do Sul e, em 1994, os dois, ele e Amazonino, sairiam candidatos a governador de seus respectivos estados", conta Guilherme.

O que Guilherme diz é confirmado pelos fatos. O apoio de Amazonino a Branquinho, em 1989, foi apelidado no Acre de *Cartel de Manaus* e provocou uma reação negativa tão forte que o candidato não conseguiu sequer chegar ao segundo turno em uma eleição vencida por Edmundo Pinto.

Para os acreanos, a interferência política do Amazonas lembra o tempo em que o estado era apenas um território sujeito a todo tipo de influência de Manaus, a prima rica que apoiou a independência do Acre da Bolívia, no início do século.

Nesse contexto, o *Cartel de Manaus* é ao mesmo tempo uma consequência natural da prática política da região Norte e uma das peças do quebra-cabeças em que se transformou a história do Acre nos últimos oito anos, uma mistura de corrupção institucional, conchavos eleitoreiros e assassinatos.

Edmundo Pinto, o governador que derrotou o candidato apoiado por Amazonino em 1989, é um exemplo de como as histórias se misturam e os personagens continuam os mesmos na novela acreana. Ele foi assassinado no dia 17 de maio de 1992, em São Paulo, em circunstâncias até hoje não esclarecidas.

O governador foi assassinado três dias antes de prestar depoimento aos membros da Comissão Parlamentar de Inquérito que apurava a denúncia de que o então ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri, teria recebido US\$ 30 mil para liberar recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) para as obras do Canal da Maternidade, em Rio Branco, Acre.

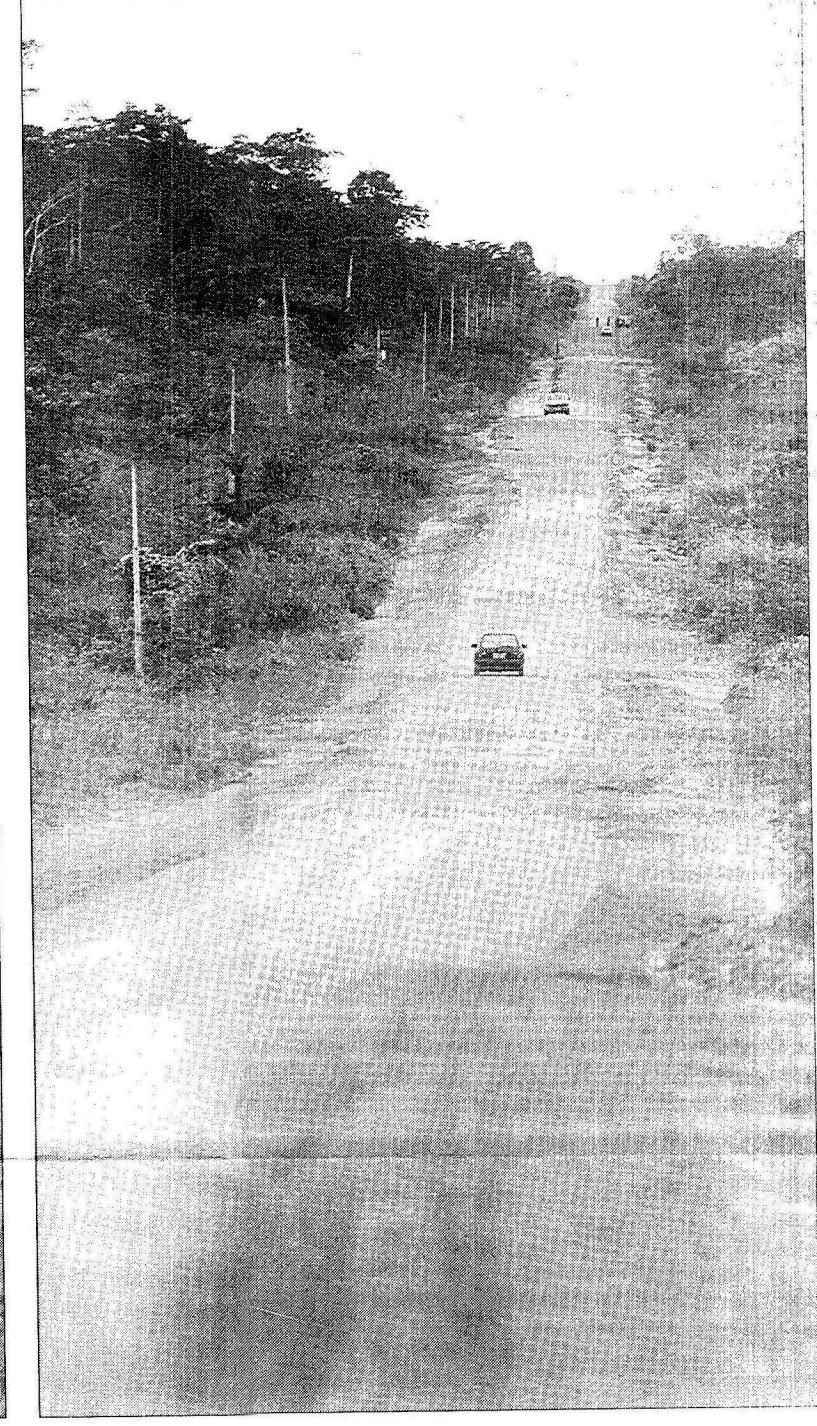
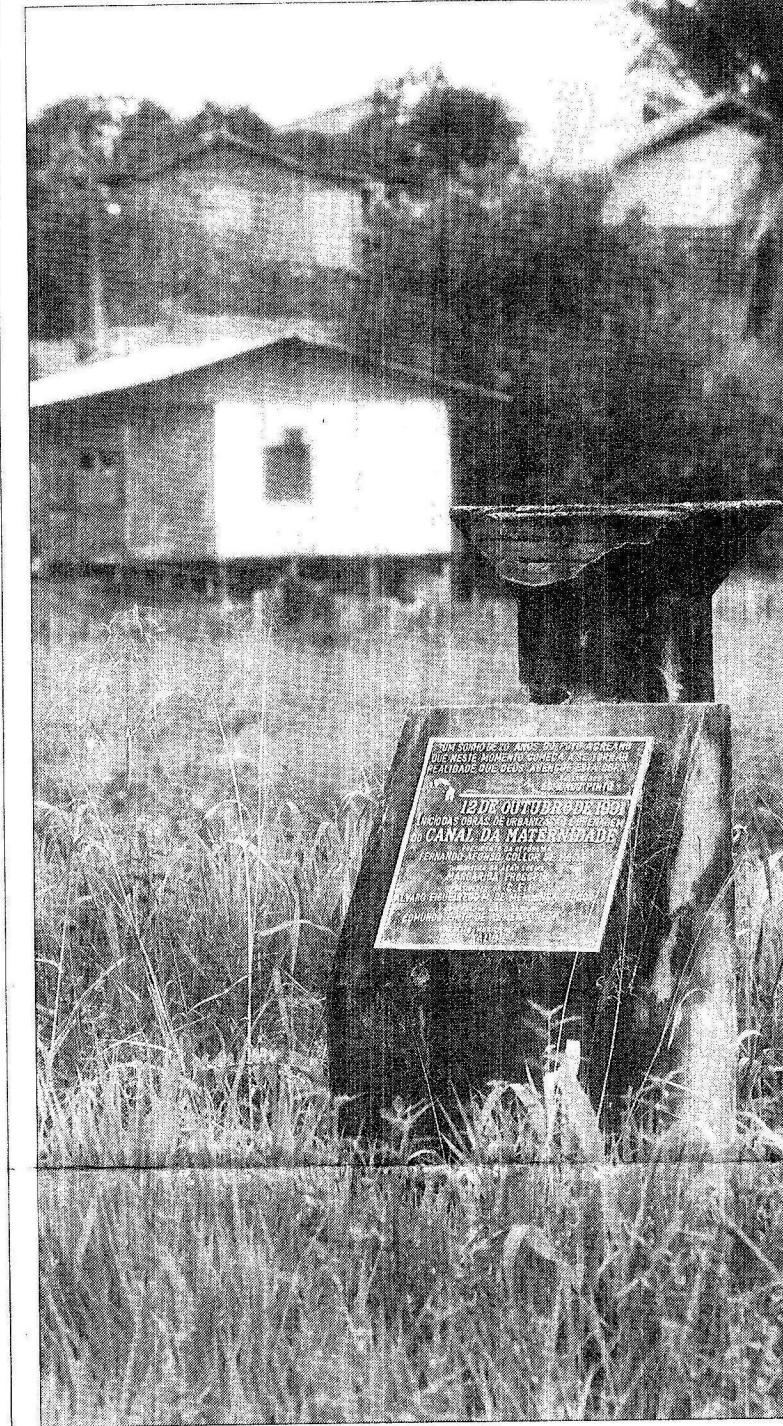
PERSONAGENS

O que isso tem a ver com o escândalo da venda de votos a favor da reeleição? Segundo o engenheiro Vandervan Rodrigues, presidente da Comissão de Licitação que deu a obra à empreiteira Norberto Odebrecht, Edmundo Pinto iria denunciar, à CPI, irregularidades no processo de construção do Canal da Maternidade e em obras da empreiteira Mendes Carlos, como o hospital do Paranoá, em Brasília.

A Mendes Carlos pertence ao em-

AÇÕES ENTRE AMIGOS

Fotos: André Corrêa 24.05.97



Entre julho de 1993 e abril de 1994, a Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Sul pagou todas as contas de luz da empreiteira Marmud Cameli, de propriedade do prefeito, Orleir Cameli. Na mesma época, comprou 20,2 mil litros de gasolina para abastecer a frota de carros oficiais da cidade, dois veículos Gurgel. Para gastar tudo isso, cada um dos

carros teria que percorrer 300 quilômetros por dia. Era a estréia de Cameli na política, depois de um período em que não fez qualquer obra no estado por ser inimigo do então governador, Edmundo Pinto, assassinado em 1992, sobrou apenas a placa abandonada do Canal da Maternidade (à esquerda), em Rio Branco, uma obra recheada

de irregularidades. O grande manancial de obras públicas, hoje, são as estradas da região, como a BR-364 (à direita, trecho próximo a Rio Branco, que está sendo asfaltado pela empreiteira Capa, ligada ao governador do Amazonas, Amazonino Mendes). Em troca, a empresa de Cameli está pavimentando a BR-174, que liga Manaus a Boa Vista.

presário Narciso Mendes, apontado nos corredores do Congresso como o *Senhor X*, o homem que gravou diálogos nos quais os deputados Roni von Santiago e João Maia confessavam ter recebido R\$ 200 mil para votar a favor da emenda da reeleição. Vandervan não acusa ninguém di-

retamente pela morte de Edmundo Pinto, mas enumera quem poderia ter interesse em eliminar o então governador. A credibilidade de Vandervan reside no fato dele mesmo ter sido assassinado, dois anos depois do governador, nas vésperas de prestar depoimento à Polícia Federal sobre o

que sabia a respeito do Canal da Maternidade.

As informações existentes sobre o episódio foram deixadas por ele em anotações de próprio punho, uma mistura de diário e testamento. Ele chega a recomendar à mulher os procedimentos que ela de-

veria adotar para receber a pensão de viúva.

O diário de Vandervan acabou parando nas mãos de Guilherme, que se julgou ameaçado e fugiu do Acre, deixando de trabalhar para Cameli quando este se preparava para assumir o governo estadual.